

A voz do tradutor no texto traduzido: a subjetividade manifestada nas notas

Marina Leivas Waquil¹

RESUMO: Objetivando aproximar as áreas de Enunciação e Tradução, buscamos destacar a figura do tradutor, ainda tão desvalorizada e ignorada, demonstrando sua voz no texto traduzido a partir dos estudos de Émile Benveniste (1966; 1974) e de uma de suas principais noções, a subjetividade. No intuito de destituir a ideia que ainda se possa ter de invisibilidade do tradutor, analisamos a tradução da obra "Trabalhos de amor perdidos" (Shakespeare, 1595), com foco nas notas do tradutor, concluindo que este tipo de inserção é um exemplo perfeitamente claro que permite ver o tradutor como um sujeito que enuncia.

Palavras-chave: tradução; enunciação; subjetividade; notas.

Introdução

"Traduttore traditore". Esta expressão italiana ilustra, ainda hoje, uma concepção fortemente arraigada em nossa cultura e que se manifesta através de diferentes ideias: o tradutor é um traidor; uma tradução bem feita é uma tradução que não se parece com uma; o tradutor aparece apenas nos erros; a tradução é sempre pior que o original; o tradutor deve ser invisível. Pode-se ver um denominador comum nestes pressupostos, que é o pouco (ou quase nenhum) valor atribuído à atividade tradutória, toda a ignorância de sua complexidade e a negação da presença da voz do tradutor no texto traduzido. Theo Hermans (1996), discorrendo sobre esta questão, apresenta o exemplo do espectador não falante de russo que assiste ao discurso de Boris Yeltsin, traduzido simultaneamente por um intérprete. A voz do intérprete é o que o espectador tem para a decodificação de sentidos, por isso ele necessita confiar no profissionalismo do intérprete e, para isso, atribui ao discurso do mesmo uma correspondência e equivalência total com o de Yeltsin, a um ponto que ignora a

¹ Mestre e doutoranda em Teorias Linguísticas do Léxico pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

presença do intérprete. Esta questão tradutória, baseada numa crença de coincidência total da tradução com seu original, é tratada de forma categórica por Hermans, que afirma tratar-se de *ilusão*, como vemos por sua explicação:

[...] a tradução nunca coincide com sua fonte, não é idêntica ou equivalente em nenhum sentido formal, e permanece sendo vista como a noção de um discurso correspondente a outro. Mas a ilusão está aí: é o que nós, em nossa cultura, aprendemos e entendemos como tradução. (HERMANS, 1996, p. 196)

Buscando colaborar para derrubar esta ilusão, trazendo e destacando a voz do tradutor, que acreditamos estar sempre presente no texto traduzido, procuramos subsídios na obra de Émile Benveniste (1966; 1974), com foco em uma das principais noções abordadas em sua obra, a subjetividade, já que acreditamos que é através desta que o tradutor se coloca e aparece no texto. A enunciação é apresentada por Benveniste como o "colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização" (1970, p. 82) e a subjetividade, manifestada neste ato individual, desempenha papel fundamental para a teoria.

Assim, este trabalho objetiva contribuir para a aproximação entre duas áreas que, a princípio, podem parecer bastante distintas, mas que, em nossa concepção, apresentam pontos de encontro muito significativos: a Teoria da Enunciação, a partir da noção de subjetividade presente nos textos de Émile Benveniste, e a Tradução, entendida como:

um processo interpretativo e comunicativo que consiste na reformulação de um texto com os meios de outra língua, que se desenvolve em um contexto social e com uma finalidade determinada. (HURTADO ALBIR, 2001, p. 41, tradução nossa²)

Acrescentamos a esta definição a concepção de que este processo, entendido como uma enunciação, é realizado sempre a partir da subjetividade³ do tradutor, o que

² No original: No original: "un proceso interpretativo y comunicativo consistente en la reformulación de un texto con los medios de otra lengua que se desarrolla en un contexto social y con una finalidad determinada."

³ Gostaríamos, também, de salientar que entendemos como fundamental a articulação da relação forma e sentido para a expressão da subjetividade, para o uso da linguagem. No entanto, tendo em vista o caráter deste trabalho e não tendo o objetivo de realizar um estudo exaustivo da relação Enunciação/Tradução, deixaremos como perspectiva a continuidade da pesquisa e as portas abertas para tal.

nos permite analisá-lo através e com o apoio da obra de Benveniste. Assim como Nunes (2011), não consideramos, no entanto, que o tradutor traduz uma enunciação, seu processo de escrita é, sim, uma enunciação, mas nele o tradutor "[...] recria condições de enunciação que provoquem efeitos no leitor da tradução tão próximos quanto àqueles que são provocados no leitor do original" (NUNES, 2011, p. 19).

Antes de mais nada, gostaríamos de destacar duas considerações. Em primeiro lugar, chama a atenção o caráter incipiente do estudo que aborde a interface aqui objetivada, o que resulta, por um lado, em uma escassez de literatura sobre o tema e, por outro, na constatação da importância de que sejam realizados mais estudos, no sentido de enriquecer uma abordagem mais aprofundada de questões tradutórias analisadas sob a perspectiva da Enunciação. A segunda consideração vem por considerarmos e respeitarmos uma teoria tão complexa como a que se atribui aos escritos de Benveniste e, por isso, buscamos, nesta pesquisa, analisá-la com merecida cautela. Para isto, baseamo-nos no roteiro proposto por Flores (2012) para uma leitura adequada de Benveniste e que consideramos fundamental para a realização de qualquer estudo que envolva uma obra tão complexa como a do autor. Em seu artigo, Flores (2012) destaca sete pontos que compõem um roteiro para uma adequada leitura da obra de Benveniste e, acrescentamos, para a produção de estudos que envolvam a mesma. Assim, enumeramos os pontos e nossas respectivas opções de acordo com cada um, para que o leitor possa acompanhar com mais clareza e segurança a pesquisa aqui realizada. Destacamos, assim:

1) "A necessidade de instaurar um ponto de vista de leitura": com este ponto Flores (2012, p. 152) se refere à importância de entender a teoria de Benveniste como uma "rede de relações conceituais em que cada conceito é constituído por uma rede e parte integrante dela". Neste sentido, entendemos que trabalhar com a noção de subjetividade, objetivo deste trabalho, é entender outras noções e definições que estão ligadas com a mesma e que são essenciais para o desenvolvimento do trabalho. Por isso, passaremos por outros termos utilizados por Benveniste, como "enunciação", "locutor", "pessoa", entre outros.

2) "A teoria enunciativa de Benveniste não é um modelo acabado": como

sugere Flores, o recomendável é trabalhar com "'momentos' da teoria" (2012, p.153), já que sua obra não consiste em um modelo teórico ou metodológico finito, esquematizado, organizado. Por essa razão, destacaremos o grupo de textos analisados para este trabalho, e é considerando os mesmos que estabeleceremos nossas conclusões.

3) "Não se pode ler na sincronia o que foi produzido em uma diacronia": este ponto é resultado do anterior e é no qual Flores enfatiza a importância de respeitar a cronologia dos escritos de Benveniste, considerando os deslocamentos realizados pelo autor ao longo do tempo. Assim, buscaremos, neste trabalho, respeitar qualquer transformação identificada nos textos selecionados.

4) "Há flutuação conceitual": este ponto é causador de muita confusão para os leitores da obra benvenistiana, já que, às vezes, como destaca Flores, até em um mesmo texto um termo pode ser encontrado com diferentes acepções. Neste trabalho, buscamos identificar a visão de Benveniste em relação à subjetividade em cada texto, separadamente, embora tenhamos encontrado pontos em comum que nos permitiram chegar ao conceito propriamente dito.

5) "Há homonímia terminológica": Benveniste, em alguns casos, vale-se de uma mesma designação para expressar conceitos diferentes, o que ocorre, como menciona Flores, por questões macrocontextuais dos textos e que envolvem, por exemplo, os interlocutores, isto é, para quem se destinam os textos, o veículo para o qual se destinará, entre outros. Em relação à subjetividade, Nunes (2011) aponta a hipótese de que há duas subjetividades: a que o sujeito expressa na linguagem e que permite que a linguagem exista; e a subjetividade que ocorre na língua, que é entendida como um efeito, um resultado do ato de colocar a língua em prática, através da apropriação que o locutor faz da mesma.

6) "Há sinonímia terminológica": ocorre quando Benveniste designa um mesmo conceito através de diferentes palavras. Para a pesquisa aqui em foco, estudando a subjetividade, apesar de não termos identificado um sinônimo perfeito para o termo subjetividade, percebemos que o autor se vale de paráfrases explicativas para referir-se ao conceito que o termo engloba, como "sujeito colocando a língua em funcionamento" e termos como "singularidade" e "individualidade".

7) "Há um priori unificador da teoria": Flores termina a listagem dos pontos que conformam seu roteiro destacando uma recorrência fundamental na obra benvenistiana: "o homem na língua". De diferentes formas, a partir de diferentes abordagens e pontos de vista, o autor volta sempre a esta questão, isto é, que o homem está na língua, é indissociável da mesma, sua existência depende dela. A subjetividade é um dos pilares que sustentam este que é "o princípio do pensamento benvenistiano" (2012, p.164) e, portanto, de enorme importância para um estudo sobre a enunciação. É a subjetividade que marca o homem na língua, ocorrendo através das marcas que denunciam sua presença e possibilitam que o homem se constitua e se proponha como sujeito (Flores, 2012, p. 164).

Destacados os pontos de Flores (2012) a respeito da obra de um autor tão complexo como Benveniste e que guiou a realização deste trabalho, sentimo-nos mais seguros para, a partir disto, explicitar mais claramente nosso objeto de estudo e a interface que buscamos abordar.

Gostaríamos, assim, de destacar que a proposta deste trabalho busca respeitar os princípios da teoria benvenistiana, cujo foco não está no sujeito, mas na subjetividade. Assim, alinhamo-nos a Nunes (2008) que enfatiza a importância de destacar que:

não se trata de abordar o sujeito *per se*, mas os *efeitos* da enunciação desse sujeito, marcados nos enunciados, o que comumente é referido como *as marcas do sujeito no enunciado*. (NUNES, 2008, p. 41)

Desta forma, nosso objetivo é dar destaque a estes efeitos, a estas marcas, resultados da subjetividade do tradutor que evidenciam-se nos enunciados que, por sua vez, tomam a forma das notas de tradução analisadas neste trabalho.

Para isto, selecionamos cinco textos da obra de Benveniste: "Estrutura das relações de pessoa no verbo" (1946), "A natureza dos pronomes" (1956), "Da subjetividade na linguagem" (1958), "A linguagem e a experiência humana" (1964) e "O aparelho formal da enunciação" (1970). Com os mesmos, pretendemos revisar a

noção de subjetividade e aplicá-la para a discussão sobre a tradução e a necessidade de que se perceba a voz, a visibilidade do tradutor no texto traduzido.

Procuramos exemplificar estas questões a partir da análise do emprego de notas no texto traduzido. Para isto, baseamo-nos no estudo de Mittmann (2003), que caracteriza a nota (denominada N.T.) da seguinte maneira:

A N.T. faz parte do processo tradutório, como uma extensão. O sujeito enunciador da N.T. é o mesmo do texto da tradução: o tradutor. Embora ocupe o lugar de sujeito enunciador, o tradutor não é a fonte do que diz, nem recupera sentidos universais, transparentes. A interpretação do tradutor - que se dá tanto no momento da leitura do original quanto no da produção do texto da tradução e das notas - deve-se à sua interpelação como sujeito e às determinações sócio-históricas. (MITTMANN, 2003, p.133)

Com esta concepção, relacionamos diretamente a tradução e a enunciação, considerando o tradutor um sujeito que enuncia e a nota como uma manifestação, uma marca deixada pela apropriação da linguagem, consequência da enunciação. É neste sentido que objetivamos destacar a voz deste sujeito tão fundamental para a comunicação interlinguística e, ao mesmo tempo, ainda tão negligenciado: através da análise de sua subjetividade, com os subsídios da obra de Benveniste, que acreditamos ser possível identificar no uso de notas por parte do tradutor/sujeito/enunciador.

É importante esclarecer que não entraremos na questão qualitativa das notas, isto é, se são adequadas, corretas, bem construídas. Nosso objetivo é analisar nas mesmas apenas a subjetividade do tradutor e destacar a sua voz.

Na seção a seguir buscamos apresentar uma breve revisão teórica sobre a noção de subjetividade. Posteriormente, oferecemos uma reflexão que, com um ponto de vista da teoria da enunciação, permita-nos destacar o papel do tradutor e sua presença no texto traduzido.

1. A noção de subjetividade na obra de Benveniste

A noção de subjetividade é fundamental na obra de Benveniste e constitui-se

em um de seus principais pilares e no principal problema por trás de sua teoria. É recorrente em todos seus escritos e, mesmo quando não mencionada, é possível identificá-la, permeando outras problemáticas levantadas pelo autor. Aparece em textos seus dos anos 40 e chega ao "Aparelho formal da enunciação", seu último texto, já da década de 70. Para analisar um conceito tão fundamental na obra de Benveniste, percorreremos cinco textos, de acordo com sua ordem cronológica de publicação, respeitando o desenvolvimento da questão, e com os quais acreditamos ser possível realizar uma revisão teórica adequada, que dê conta dos objetivos do trabalho aqui apresentado⁴.

A partir disso, iniciamos nosso percurso com o texto "**Estrutura das relações de pessoa no verbo**" (1946), no qual o autor aborda a questão da categoria de pessoa, fundamental para o desenvolvimento da noção de subjetividade. Através de exemplos de distintas línguas, demonstra que a distinção de pessoa termina por marcar-se em todas, de alguma maneira, nas formas verbais e que, se não está no verbo propriamente dito, a pessoa acaba sendo marcada com o auxílio dos pronomes, que introduzem a variação desta marcação. A partir desta constatação, busca mostrar a oposição que fundamenta a relação entre as pessoas e, utilizando mais uma vez exemplos de várias línguas diferentes (semítico, turco, ugro-fínico, georgiano, etc.), mostra que as duas primeiras pessoas (eu, tu) nunca estão no mesmo plano que a terceira (ele). Esta última é sempre privada da marca de pessoa, diferentemente das duas primeiras, que se caracterizam pela presença da mesma. Com esta análise, apresenta a confusão que identifica entre duas noções, a de "pessoa" e a de "sujeito" e que resolve da seguinte forma: para Benveniste, "eu" e "tu" indicam pessoa e são sempre únicos, a cada vez que surgem; "ele", por outro lado, "pelo fato de não implicar nenhuma pessoa, pode tomar qualquer sujeito ou não comportar nenhum, e esse sujeito, expresso ou não, nunca é proposto como "pessoa"" (1946, p. 253). Assim, a partir da análise da categoria de pessoa, foco deste texto, Benveniste conclui com a apresentação de duas correlações: a de personalidade, relação que as primeiras

⁴ Deixamos de fora da análise mais detalhada alguns textos que, claramente, contribuíram para a noção de subjetividade tal qual a discutimos hoje em dia, como "As relações de tempo no verbo francês" (1959) e "Os níveis da análise linguística" (1962/1964). Em primeiro lugar, acreditamos que os textos selecionados são suficientes para revisão da noção que pretendemos sintetizar e, em segundo lugar, consideramos que o caráter de artigo deste trabalho não disponibiliza espaço para uma revisão exaustiva.

pessoas (eu/tu), portadoras de pessoa, estabelecem com a terceira (ele), privada desta categoria; e a de subjetividade, que caracteriza a relação de "eu", denominada "pessoa eu" e "tu", a "pessoa não-eu". É neste ponto do texto que tomamos o gancho para nosso trabalho: "eu" é a pessoa subjetiva, enquanto "tu" é a pessoa não subjetiva; juntas, ambas se opõem à terceira, "ele", a não-pessoa, a que, segundo a conclusão de Benveniste neste texto, não faz uso da linguagem, por não poder apresentar-se como pessoa. Isto é fundamental para nossa pesquisa: a constatação de que é a subjetividade, característica de "eu", que realiza a enunciação e, conseqüentemente, põe a linguagem em uso.

A subjetividade volta a destacar-se, então, em "**A natureza dos pronomes**" (1956). Neste texto, como o próprio título aponta, o foco está nos pronomes, analisados por Benveniste como fato da linguagem. O autor, inicialmente, destaca dois tipos de pronomes: os que integram a sintaxe das línguas e os que indicam instâncias do discurso. É nestes últimos que concentra sua análise. Volta a retomar questões abordadas no texto "Estrutura das relações de pessoa no verbo", trazendo os pronomes pessoais para a discussão. Assim, com o pronome "eu", volta a enfatizar seu caráter subjetivo, mencionando que em cada ato "eu" tem "referência própria e corresponde cada vez a um ser único" (p. 278). Destaca, então, que é na instância na qual é produzido que "eu" adquire seu valor, e apenas dentro dela:

"Eu" só pode definir-se em termos de "locução", não em termos de objeto, como um signo nominal. "Eu" significa "pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém eu". Instância única por definição e válida somente na sua unicidade. (BENVENISTE, 1956, p. 278)

Do outro lado da enunciação está "tu", entendido como o "indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística *tu*" (p. 279). Além destes, outras estruturas (advérbios, demonstrativos) são apresentadas por Benveniste como unidades que são organizadas no discurso com relação aos indicadores de pessoa e, da mesma forma, referem-se à instância do discurso que os contém. Estas estruturas podem delimitar questões espaciais ou temporais, mas remetem sempre, e apenas, à enunciação, que é sempre única. Benveniste traz então, a figura do

indivíduo, que, como locutor, "apropria-se " da linguagem, assumindo-a em sua totalidade, transformando-a em instância de discurso, a qual se caracteriza, por sua vez, "por esse sistema de referências internas cuja chave é *eu* e que define o indivíduo pela construção linguística particular de que se serve quando se enuncia como locutor" (p. 281). Com esta conclusão, encaminha o texto para uma definição de língua própria de sua teoria da enunciação: além de ser um repertório de signos, ideia já consagrada anteriormente por outros linguistas, como Saussure, a língua é entendida por Benveniste como uma manifestação que ocorre nas instâncias de discurso.

As instâncias de discurso, então, figurando na obra do autor, sendo consideradas constitutivas de sua noção de língua e produtos da enunciação, são essenciais na discussão que estabelece no texto mais significativo para a noção aqui abordada, intitulado **"Da subjetividade na linguagem"** (1958). Neste, Benveniste postula algumas de suas mais importantes reflexões e é no qual podemos identificar com mais clareza o *a priori* de sua teoria destacado por Flores (2012) e mencionado anteriormente: "é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito" (p. 286). Para chegar a esta conclusão, o autor começa pela constatação de que é através de linguagem que a comunicação humana se efetua, mas nega que se possa considerar a linguagem como um instrumento: a linguagem não pode ser separada do homem (tal qual um instrumento), já que é constitutiva do seu ser, de sua qualidade de sujeito, "porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de "ego"" (p. 286). Essa visão que instaura a respeito da linguagem e de sua relação com o homem é fundamental, porque demonstra e comprova a noção de subjetividade: o indivíduo se coloca como locutor através da língua e, de locutor, passa a propor-se como sujeito, através do discurso, deslocamento (locutor-sujeito) que só ocorre através da subjetividade que se dá na enunciação. A subjetividade é, então, essencial já que é condição *sine qua non* para a possibilidade da linguagem: quando o "locutor se apresenta como sujeito" (p. 286), remete "a ele mesmo como *eu* no seu discurso"(p. 286), instaura a subjetividade, constitui-se como homem e, conseqüentemente, permite a realização da linguagem.

Para Benveniste, é fundamental também outra condição na questão da

subjetividade: a de diálogo, que se estabelece na enunciação entre "eu", que instaura a pessoa e se dirige sempre a um "tu". É nesta "realidade dialética", segundo o autor, que "se descobre o fundamento linguístico da subjetividade" (p. 287).

Destaca-se, neste mesmo texto, a total e completa indissociabilidade da linguagem com relação à subjetividade quando Benveniste traz que a linguagem é tão profundamente marcada pela expressão da subjetividade que se pergunta se construída de outra forma poderia ainda funcionar como e chamar-se linguagem (p. 287). Assim, chega-se à conclusão de que a linguagem se dá porque "eu" se pronuncia, tem um "locutor" designado, dirige-se a um alocutário ("tu") e sua referência se identifica apenas com essa instância de discurso no qual se pronuncia, do que se conclui que "o fundamento da subjetividade está no exercício da língua" (p. 288) e que o sujeito se define no e pelo discurso. Então, assim como a linguagem só ocorre com instâncias em que a subjetividade se coloca, a relação inversa também se afirma: é através da linguagem que a subjetividade existe, já que é apropriando-se da língua que o homem se constitui como sujeito.

Já no fim do texto, Benveniste apresenta outra noção, a de intersubjetividade, que é a condição que faz com que a língua, que o homem assume, possibilite a realização da comunicação linguística. Em texto de 1964, "**A linguagem e a experiência humana**", trazendo como foco a questão da temporalidade, o autor volta a mencionar esta intersubjetividade. Para ele, a categoria de tempo (que se encontra presente em todas as línguas) é a que melhor revela a experiência subjetiva, a experiência dos sujeitos. Volta à questão da individualidade que o locutor manifesta como "eu", oposto a "tu" e a "ele" para mostrar a realização da comunicação linguística em instâncias do discurso através da parceria entre o locutor e seu alocutário. O eixo dessa comunicação é sempre a instância do discurso, que é cada vez única, e o tempo se organiza em relação a esse eixo, impreterivelmente. Com relação a esta comunicação, Benveniste escreve algo muito similar ao texto de 1958 quando menciona que "a condição de intersubjetividade é que torna possível a comunicação linguística" (p. 78). Ainda sobre essa comunicação e sua característica primordial, a intersubjetividade, diz o autor que:

Por aí se reflete na língua a experiência de uma relação primordial, constante, indefinidamente reversível, entre o falante e seu parceiro. É sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem. (BENVENISTE, 1964, p. 80)

Por fim, em seu último texto, "**O aparelho formal da enunciação**" (1970), Benveniste, após décadas de reflexão, reapresenta e redefine a enunciação de maneira que fica clara a importância da subjetividade para a mesma. A enunciação, então, é entendida como o "colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização" (p. 82), ou seja, ato definível e dependente da subjetividade realizado através da linguagem, da apropriação que o indivíduo faz da língua e do aparelho formal da mesma. Deixa claro que o objetivo de sua análise não é o enunciado como resultado, mas o ato em si de produzi-lo, as situações nas quais se produz e os instrumentos para tal.

A comunicação aparece novamente, quando Benveniste reflete sobre a língua antes e depois da enunciação: antes, ela é apenas possibilidade; depois, ocorre em uma instância de discurso, que, por sua vez, "emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno" (p. 84). Está, assim, estabelecida a enunciação: comunicação que parte de um ato individual, manifestado sempre pela subjetividade.

2. A subjetividade do tradutor

Em primeiro lugar, para destacar a presença do tradutor no discurso do texto traduzido com o auxílio da teoria da Enunciação, temos, como primeiro passo, que considerar que o tradutor se enuncia, se manifesta, como pessoa, o que nos leva a vê-lo como "eu", possuidor da categoria de pessoa, a pessoa subjetiva, segundo Benveniste. Como vimos no texto "Estrutura das relações de pessoa no verbo" (1946), é esta a pessoa que tem a possibilidade de fazer uso da linguagem, é a que pode realizar a enunciação. O tradutor, em nossa concepção, tem voz própria, é um indivíduo que, a partir de uma matéria textual em uma determinada língua, encontra-se com a função de transpô-la a outra língua, com uma determinada função, com uma

audiência e cultura diferentes. Como, nesse contexto, ignorar a presença do tradutor, se ele, fazendo uso da linguagem, é um locutor que enuncia?

Para Benveniste, como vimos, quem pode fazer uso da linguagem é a pessoa "eu", de forma que, se consideramos que a tradução é, entre outras, uma operação linguística, temos que confirmá-lo como voz que enuncia, que pode valer-se da linguagem, apropriar-se da mesma. Por essa perspectiva podemos responder a pergunta de Hermans com relação à que voz vem a nós quando lemos um discurso traduzido: seguramente, está ali a voz do tradutor.

No entanto, costuma-se esperar que os tradutores esqueçam que estão lendo uma tradução e, ainda hoje, identificamos essa questão. Venuti (1995), discutindo a invisibilidade do tradutor na tradução anglo-americana, menciona que muitos jornais de destaque, como o *The Los Angeles Times*, em suas críticas de livros, nem mesmo mencionam o nome do tradutor nos textos críticos (sejam eles positivos ou não) sobre obras traduzidas. O autor ainda menciona o fato de que quando as traduções são bem recebidas pela crítica e pelo público, assim o são por um critério específico: fluência. Isto é, o texto é considerado bom, a leitura é bem realizada quando o leitor não percebe que a obra foi escrita originalmente em outra língua, quando a leitura do mesmo flui e, por isso, tem sucesso comercial e de crítica. Segundo Venuti, "um texto traduzido é julgado aceitável quando editores, críticos e leitores leem-no fluentemente, quando a ausência de qualquer particularidade linguística ou estilística faz com que pareça transparente" (1995, p. 1, tradução nossa). A questão é, então, mostrar que esta "ausência" não é possível, de alguma forma o tradutor manifesta, sim, sua presença.

Assim, acreditamos que o tradutor, mesmo quando produz uma bem executada tradução, fluente, coerente, deixa sua marca. As escolhas que faz, os métodos que emprega, as técnicas utilizadas, demonstram e comprovam sua presença. Como nos traz Benveniste, há outras estruturas no discurso que se organizam em relação aos indicadores de pessoa, referindo-se às instâncias de discurso nas quais ocorrem. O tradutor, neste contexto, vale-se destas estruturas para resolver questões do texto que traduz e, conseqüentemente, através das mesmas, deixa sua marca.

Hermans, pensando no texto traduzido e na ilusão consagrada de que estamos

lendo apenas o autor original da obra, pergunta-se: o tradutor realmente está apagado, não está lá? Podemos tentar responder esta questão com o auxílio de Benveniste: se o locutor, assumindo a linguagem, transforma-a em instância de discurso, o tradutor é uma espécie de locutor que, para poder traduzir, apropria-se da linguagem e produz, também, instâncias de discurso. Nestas instâncias, segundo Benveniste, é onde a língua se manifesta e é na língua que o homem se constitui como sujeito, é nela e através dela que pode existir e, conseqüentemente, enunciar. Nesse sentido, o tradutor também se constitui como homem, existe, exerce sua subjetividade, ao enunciar, apropriando-se da língua e tendo um discurso como resultado.

Para Hermans, a voz do tradutor é um índice da presença discursiva do tradutor. Essa voz se manifesta através da linguagem, então, conseqüentemente, é, também, a expressão de sua subjetividade, já que esta se dá com o uso da linguagem, que é como o tradutor se coloca, aparece, marca-se.

Além disto, é também com a linguagem e a subjetividade inerente à mesma, que a comunicação humana se efetua, como postula Benveniste. A comunicação, assim, é também linguística e ocorre através de uma parceria entre o locutor e um alocutário. A tradução se aproxima desta visão da teoria da Enunciação, já que é, em nossa concepção, um ato comunicativo e também realizado entre parceiros: o tradutor, locutor que se apropria da linguagem e se dirige sempre a uma audiência, seu alocutário, que será sempre diferente da audiência do texto original. Seu trabalho é direta e totalmente condicionado por esta audiência e por tudo que se relaciona com a mesma, como a língua com a qual se comunica, o contexto no qual está inserida, a cultura que a caracteriza, entre outros fatores. Assim, as opções que deve fazer para satisfazer a sua audiência e produzir um texto adequado evidenciam-se através de marcas que representam sua subjetividade, ainda que varie o grau de facilidade com o qual podemos identificar sua presença.

Mesmo em casos em que o texto traduzido transcorra fluentemente, sem nenhuma questão mais aparente, deve-se postular a presença do tradutor como coprodutor do discurso, como propõe Hermans. Diferentemente de concepções tradicionais e conservadoras, que consideram que traduzir é dizer exatamente o que o autor do original quis dizer, acreditamos que o tradutor, a partir do original, interpreta

e reescreve de acordo com uma finalidade específica e com a audiência à qual se dirige, que guiam sua atividade tradutória. Assim sendo, o tradutor acaba, sim, coproduzindo o discurso, apropriando-se da linguagem e expondo-se como sujeito.

No entanto, ainda ignora-se a presença do tradutor e, conseqüentemente, de sua subjetividade, dando-se importância e destaque únicos ao autor do original. Para Hermans (1996), a razão deste posicionamento está na construção cultural e ideológica de tradução:

Em nossa cultura a tradução é definida em termos de transparência e duplicação, não apenas consoante, mas coincidente com todos os objetivos e propostas idênticas ao texto fonte (HERMANS, 1996, p. 209).

Se a tradução é vista como reprodução, o tradutor perde toda sua relevância, sendo um mero transmissor das palavras de outro. A sua subjetividade é apagada nesta visão, como se não estivesse ali manifestada. No entanto, tomando emprestado as reflexões benvenistianas, é impossível não enxergar o tradutor como sujeito, como presença real no texto traduzido: a enunciação, que se dá pela subjetividade, é colocar a língua em funcionamento através de uma individualidade. O que faz o tradutor que não seja colocar em prática este fundamento da enunciação e, conseqüentemente, ser sujeito do discurso?

Aliamo-nos a Hermans para destruir a ilusão de invisibilidade do tradutor, de apagamento de sua voz no texto traduzido, considerando que temos que "descentralizar o sujeito falante", aceitando as marcas deixadas pelo tradutor e, sobretudo, valorizá-las. Assim, faz-se importante:

[...] abalar as hierarquias estabelecidas, negar a primazia e inviolabilidade do original, salientar as marcas intertextuais transformativas na escrita, afirmar a plurivocalidade do discurso (HERMANS, 1996, p. 210).

As notas inseridas ao longo do texto traduzido são um exemplo bastante claro para mostrar que o tradutor é um sujeito que enuncia e que manifesta o resultado deste ato através da produção da tradução. Analisando uma das obras de Shakespeare, "Trabalhos de amor perdidos" (1590), traduzida para o português (2006), constatamos

o uso de 34 notas por parte do tradutor. Com diferentes objetivos e propostas, em todas podemos constatar a subjetividade do tradutor, manifestada através da apropriação da língua realizada durante a produção destes enunciados. Identificamos nestas notas o que Benveniste denomina como indicadores de dêixis, e que podem ser elementos que se relacionam com o sujeito através da organização das relações temporais e espaciais e elementos que expressam o tempo e expressões que marcam a subjetividade.

Selecionamos três grupos nos quais juntamos as notas identificadas e nas quais constatamos os seguintes objetivos: 1) fazer referência ao tempo de escrita do original, explicando alguma questão, termo, costume da época; 2) explicitar alguma referência do texto que seja opaca para o leitor, na opinião do tradutor; 3) explicar ao leitor alguma opção própria de alguma escolha feita pelo tradutor.

No primeiro grupo, através de algum elemento que remeta a um tempo que não é o atual, o tradutor deixa clara sua marca e o fato de que se trata de uma nova enunciação. A referência ao tempo da escrita do original se sobressai por estruturas que destacamos nos trechos a seguir:

Quadro 1

Nota	Referência no texto
* Ao tempo de Shakespeare , acreditava-se que os olhos emitiam feixes de luz ao concentrarem o olhar em um ponto (como no caso da leitura).	A luz dos olhos, ao buscar a luz, engana com a luz* a luz verdadeira. (p. 14)
* O baço, à época de Shakespeare , era tido como o órgão onde se originavam tanto a alegria como a raiva.	o meu baço* sacode de tanta gargalhada. (p. 47)
* A época de Shakespeare , a beleza feminina tinha o seu ideal nas mulheres loiras e muito brancas.	Ser Juno uma negra*, um horror [...] (p. 74)
* A época de Shakespeare , acreditava-se que cinco mil anos era a idade do mundo.	Não é assim que se brinca com um menino de cinco mil anos, assim da idade do mundo.* (p. 93)
* Era considerada a palavra mais comprida do mundo.	[...] menor que <i>honorificabilitatibus</i> .* (p. 88)
Os chapéus dos nobres eram grandes, forrados de tecido caro e ricamente ornamentado,	Meu chapéu contra uns trocados como Pompeu vai ser o melhor Ilustre do espetáculo. (p. 120)
Ladrões eram normalmente condenados à forca.	[...] e eu somos ladrões no amor, e merecemos morrer. (p. 78)
Os protestantes (ou seja, a Inglaterra de Shakespeare) viam como herética a crença católica de que se garante a salvação da alma por atos de bondade - enquanto que, para os protestantes, a alma salva-se pela fê.	Ah, que heresia sobre a beleza, tão própria dos dias de hoje! (p. 55)
Vagabundos e prostitutas eram chicoteados à época de Shakespeare.	Merece ser chicoteada, isso sim mas merece amante melhor que o meu amo. (p. 28)

Fonte: produção do próprio autor.

Em todos podemos ver algum índice que o tradutor utiliza para distanciar-se da enunciação shakespeariana: seja através de expressões como "à época de Shakespeare", "A Inglaterra de Shakespeare", "Ao tempo de Shakespeare", ou de formas verbais, como "era" e "eram". Mesmo sem menção clara ao tempo em que se encontra, o tradutor, ao fazer uso destas marcas temporais, demonstra não estar no mesmo tempo que o da obra, dirigindo-se a uma audiência de outra época. A comunicação se estabelece entre um locutor e alocutários diferentes do texto original, através de uma parceria que se dá em outro tempo, em uma nova enunciação, entre novos sujeitos.

No segundo grupo, encontramos a subjetividade do tradutor manifestada nas notas através de referências à Bíblia, traduções do latim, explicações mitológicas, como vemos nos exemplos abaixo:

Quadro 2

Nota	Referência no texto
Com referência à Bíblia, Novo Testamento, Mateus, capítulo 7, versículo 5: "Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão.	[...] o Rei achou um cisco no seu olho, mas eu achei uma pedra no olho de cada um de vocês. (p. 76)
Perjuros declarados estavam condenados a carregar os papéis que descreviam sua transgressão.	Ora, Ora, que este já chega como um perjuro, os papéis anunciando sua condição. (p. 71)
Em latim, "tudo está bem".	Mas, omne bene, e isto é o que [...] (p. 63)
"Vim, vi e venci" - frase de Julio César.	[...] e foi ele quem provavelmente pode ter muito possivelmente dito <i>Veni, vidi, vici</i> , o que se [...] (p. 57)
*O provérbio correto em latim é <i>Satis est quod sufficit</i> : "Não precisa mais que o suficiente".	<i>Satis quid sufficit</i> . * (p. 86)
Provavelmente, Dom Armado está dizendo a Holofernes que não é necessário tirar-lhe o chapéu em sinal de respeito.	Por favor, cubra a sua cabeça. (p. 90)
Criatura mitológica de cem olhos.	[...] ainda que Árgus com toda sua centena de olhos fosse seu eunuco e seu vigia. p. (53)

Fonte: produção do próprio autor.

Nestes casos, vemos uma interferência do tradutor no texto de Shakespeare, que, originalmente, optou por não explicitar ao seu leitor, tais questões. Há que considerar, no entanto, que o tradutor comunica-se em outro tempo e com um público distinto, o que requer que produza um texto considerando as necessidades, exigências do mesmo. Para isso, pode valer-se de recursos não presentes no texto original, deixando presente sua voz como sujeito que se enuncia. Vemos, nestas notas, escolhas

que o tradutor faz para que o leitor não perca a referência: ele tem que mudar o eixo para que isso não ocorra. A enunciação é efêmera, por isso não é possível retomar o original da forma conservadora, restituindo sentidos e ignorando as características de seu alocutário. Como avisado anteriormente, não entramos no mérito de julgar as notas aqui exemplificadas como adequadas ou não, buscando, sim, demonstrar que nelas está a voz de uma enunciação e que na mesma há um sujeito que se manifesta: o tradutor.

Por fim, encontramos casos em que a nota é utilizada para explicar alguma opção empregada pelo tradutor em relação a algum trecho que possa não ter ficado totalmente claro para o leitor.

Quadro 3

Nota	Referência no texto
Obseco é a pronúncia de Jaqueneta para "obséquio".	[...] por favor me faça o gentil obseco de me ler esta carta. p. 65-66
O termo "estudo" deve ser pronunciado como "isso tudo".	Se os filhos são inteligentes, não vão querer instrução; se as filhas têm um jeitinho para a coisa, eu ponho estudo nelas. p. 65

Fonte: produção do próprio autor.

Pode-se observar que o tradutor, como locutor, dirige-se diretamente ao seu alocutário, instruindo-o, quando diz que tal termo que empregou na tradução "deve ser pronunciado" de tal forma e esclarecendo como o leitor deve entender outro termo. Está, aí, a intersubjetividade benvenistiana, estabelecida a partir da comunicação explicitamente identificada e que vem como resultado da subjetividade, do diálogo que o tradutor instaura ao estabelecer, como "eu", uma comunicação com seu leitor, "tu". É a correlação de subjetividade aí manifestada que permite que a linguagem se realize, o que se dá pela oposição entre as duas pessoas (eu/tu), sendo que apenas "eu", no caso o tradutor, é dotado de subjetividade.

Considerações finais

[...] na verdade nunca chegamos ao ato enunciativo, dado sua efemeridade, mas podemos, através da análise dos instrumentos e das situações em que este ato se realiza, fazer algumas considerações sobre ele. (NUNES, 2008, p. 49)

Com este trabalho, o primeiro e principal objetivo foi o de aproximar duas áreas de estudo que, acreditamos, têm muito potencial para serem correlacionadas: a Tradução e a Enunciação. Nossa forma de realizar esta aproximação foi buscar destacar a voz do tradutor na tradução com o auxílio das reflexões de Benveniste, a partir da noção de subjetividade que, então, buscamos demonstrar que está claramente manifestada nas notas do tradutor.

A partir da análise realizada, acreditamos que as notas empregadas pelo tradutor são marcas que exprimem a sua subjetividade, tendo em vista que são opções, escolhas que realizam durante o processo de tradução, quando está apropriando-se da língua, realizando a enunciação e, como consequência, postulando-se como sujeito, constituindo-se como homem. Entendemos, neste trabalho, a nota como um tipo de marca deixado pelo tradutor no discurso produzido a partir de sua enunciação, que tem a forma do texto traduzido. Analisamos, assim, uma enunciação escrita, que se caracteriza pelo fato de que quem escreve se enuncia e postula indivíduos que se enunciam no interior de sua escrita. É o que acontece com o tradutor durante o processo tradutório: a presença de um alocutário, mesmo que seja virtual, que não esteja ainda concretizada de fato, condiciona as opções que o tradutor faz, ou seja, a sua enunciação.

A comunicação, que analisamos aqui através da tradução, se dá porque o sujeito se apropria da linguagem e o demonstra através de marcas que deixa no discurso, através de sua subjetividade, vista em índices como a categoria de pessoa, de tempo e outros elementos linguísticos que se relacionam com os mesmos.

É importante observar que pensamos que para analisar estas marcas que o sujeito, no caso o tradutor, deixa no enunciado, de forma que dê conta de todas as suas especificidades e com o viés da enunciação, é também necessário contemplar outras questões abordadas por Benveniste, como a relação forma-sentido e o semântico/semiótico. Acreditamos que esse é um estudo que deve ser intensificado e que têm muito a contribuir ainda para ambas as áreas: tanto para uma visão mais enunciativa da tradução, que contemple o tradutor como sujeito que enuncia e tudo que isto envolve; como uma visão aplicada da enunciação a partir de questões tradutórias, isto é, utilizando a tradução e suas características para evidenciar princípios que configuram a enunciação.

RESUMEN: Objetivando acercar las áreas de Enunciación y Traducción, buscamos destacar la figura del traductor, aún tan devaluada e ignorada, demostrando su voz en el texto traducido con los estudios de Émile Benveniste y de una de sus principales nociones, la subjetividad. Con el fin de destituir la idea de invisibilidad del traductor, analizamos la traducción de la obra "Trabajos de amor perdidos" (Shakespeare, 1595), enfocando en las notas del traductor, concluyendo que este tipo de inserción es un ejemplo perfectamente claro que permite ver el traductor como un sujeto que enuncia.

Palabras clave: traducción; enunciación; subjetividad; notas.

Referências

ALBIR, A. H. *Traducción y Traductología. Introducción a la Traductología*. 4a ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 2008.

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. *Problemas de lingüística geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

FLORES, V. N. Notas para uma (re)leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste. In: Marlene Teixeira; Valdir do Nascimento Flores. (Org.). *O sentido na linguagem: uma homenagem à Professora Leci Barbisan*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012b. p. 153-170.

HERMANS, T. The Translator's Voice in Translated Narrative. In: *Target* 8, 1, 23-48, 1996.

MITTMANN, S. *Notas do tradutor e processo Tradutório: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

NUNES, P. A. *O tradutor como função enunciativa: uma análise de autotradução*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Monografia (Graduação em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

_____. Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação: notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução. *Tradterm*, no18,. p. 09-27, 2011.

_____. *A prática tradutória em contexto de ensino (re)vista pela ótica enunciativa*. Porto Alegre: UFRGS, 2012. Tese de doutorado – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

SHAKESPEARE, W. *Trabalhos de amor perdidos*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2006.

VENUTI, L. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London & New York: Routledge, 1995.

Data de envio: 4 de agosto de 2014

Data de aprovação: 9 de setembro de 2014

Data de publicação: 15 de setembro de 2014